

CURSO – DIREITO/USP


João Vitor Jabur Fogaça

“Por mais que eu fosse uma pessoa de Humanas, o Etapa sempre me ajudou a gostar de matérias fora da minha área.”

João Vitor Jabur Fogaça entrou na São Francisco e hoje está no último ano da graduação em Direito. Ele faz também dupla graduação, em convênio que a faculdade da USP tem com a Universidade de Lyon – as aulas são em São Paulo, com professores que vêm da França. Trabalha também como *trainee* em um grande escritório de advocacia, na área tributária. Planeja seguir carreira acadêmica.

JC – Quando surgiu seu interesse por Direito?

João – Minha mãe é advogada, daí havia uma certa influência. Eu sempre fui uma pessoa de que gostava de ler e escrever, com interesses de Humanas. Tinha o sonho de fazer São Francisco que já tinha visitado e achava uma faculdade superbonita. No 8º ano cheguei a ficar em dúvida entre Medicina e Direito. Mas depois escolhi Direito. O Etapa me ajudou bastante na escolha.

Além da Fuvest, você prestou outros vestibulares?

Eu prestei só o Enem e fui aprovado na Federal de Juiz de Fora, em Minas Gerais.

Quando você veio estudar no Etapa?

Comecei bem cedo, no 5º ano do Ensino Fundamental. Eu achei bem bom começar cedo, porque isso me deixou com uma bagagem muito boa para o Ensino Médio.

No colégio, além das aulas você participava de atividades extracurriculares?

Eu vivi o Etapa, que foi marcante para mim. Um lado positivo é que, por mais que eu fosse uma pessoa de Humanas, o Etapa sempre me ajudou a gostar de matérias fora da minha área. Eu adorava Química, Matemática. Isso foi importante porque, na Fuvest, Matemática é matéria prioritária para Direito no terceiro dia da 2ª fase. Além disso, eu participava do Clube de Cinema, de que gostava muito, do Clube de Leitura, cheguei a participar da Olimpíada de Linguística do

Etapa. Gostava também de esportes, jogava vôlei e basquete em campeonatos pelo colégio. O Etapa oferecia essas atividades extracurriculares. Não precisava ficar focado só no vestibular.

No último ano do Ensino Médio você manteve ou alterou sua rotina de estudo?

Eu fazia a grade do Etapa e fiz também o reforço JADE, nos sábados.

Como foi o seu início na São Francisco?

O ensino na faculdade é diferente. Não é aquela didática do Etapa, mais organizada. Você precisa despertar o interesse pela matéria, conversar com o professor, ler o livro e ir atrás, estudar mais por conta.

Que matérias você teve em cada ano da faculdade?

No 1º ano você começa tendo uma base bem geral: Direito Constitucional, começo de Direito Civil, começo de Direito Penal, Introdução ao Direito. A partir do 2º ano entram matérias mais específicas, como Desenvolvimento do Direito Penal – no 1º ano tem a parte geral e depois tem a parte especial. Direito Civil é a mesma coisa, primeiro tem a teoria geral e depois vai especificando e aprofundando. E aí vão surgindo outros campos do Direito, como Direito Internacional. A partir do 2º ano já começa a ramificar. Além das matérias obrigatórias, surgem as matérias optativas, como Direitos Humanitários, Jurisprudência Constitucional. Outras matérias também en-

ENTREVISTA

Carreira – Direito

1
ARTIGO

Nova vacina contra tuberculose apresenta resultados promissores

6
ESPECIAL

Colégio Etapa encerra o semestre letivo do Ensino Médio com Gincana Cultural

7
CONTO

O homem que sabia javanês – Lima Barreto

3

tram como obrigatórias. Por exemplo, Direito Comercial, Teoria Geral da Atividade Empresarial. Há um oferecimento de matérias por semestre, as obrigatórias que você tem que fazer e as optativas que você pode escolher para ir se aprofundando e se especializando.

De que atividades você participou durante a graduação?

A São Francisco tem muitos grupos de extensão, monitorias e também proporciona estágios. Eu participei de monitoria, um trabalho direto com alunos, com seminários de discussão. E no 3º ano parti para um estágio profissional no escritório de advocacia Rubens Naves Santos Jr. Fiquei seis meses, de maio a novembro de 2015.

O que você fez no estágio?

Eu comecei em Contencioso Cível, área que é o carro-chefe de Direito. Para primeiro estágio eu acho que foi muito bom. Na prática, você começa a adquirir experiência, aprende a mexer com processo e como ele funciona, como se faz andar um processo. Acompanha julgamentos, faz pesquisa de jurisprudência, escreve peças e petições que vão afinar o processo e ajudar os advogados. É um trabalho que dá uma formação ampla e forte do Direito.

O que fez depois desse estágio?

Passei por um processo seletivo no escritório Mattos Filho, em que estou há um ano e meio, desde janeiro de 2016. É um escritório grande, que a gente chama de *full services*; tem todas as áreas.

Qual é seu trabalho nesse escritório?

Nele existem os programas de estágio e de *trainee*. Eles contratam umas 60 pessoas para o programa de jovens talentos, uns 50 estagiários e uns 10 *trainees*. Eu fui contratado como *trainee*, que no primeiro ano roda pelas principais áreas do escritório. Então, fiz o chamado *job rotation* pelas áreas de Societário, Contencioso Cível e uma de Tributário. Depois, no segundo ano, você escolhe a área com que mais se identificou e vira estagiário fixo. Eu escolhi outra área de Tributário e estou nela até hoje.

Então, além das aulas na São Francisco, você atua no escritório. Hoje você tem alguma outra atividade?

Eu faço também dupla graduação. A São Francisco firmou um convênio com a Universidade de Lyon, que oferece a dupla graduação, uma *licence*, que se pode fazer aqui mesmo em São Paulo com professores franceses que vêm para cá. Em três anos, a partir do 3º ano da São Francisco, você consegue pegar a *licence* em Direito pela Lyon, que é como um diploma mesmo. Sai com dois títulos e pode fazer depois um Master na França. É uma coisa bem legal. É uma oportunidade muito boa que a São Francisco oferece. É bem recente, uma coisa nova que está se aprimorando. Eu sou da segunda turma.

As aulas são presenciais?

Tudo aula presencial, na São Francisco e em francês.

Você domina o idioma?

Eu tinha uma base em francês, fiz curso quando menor e depois fiz aulas particulares. Quando eu estava no 2º ano começou a primeira turma da dupla graduação e eu acabei focando um pouco mais em francês para conseguir fazer o

curso no 3º ano. É uma coisa que eu acho bem legal porque você acaba tendo essa experiência multicultural dentro da São Francisco.

É tranquilo conciliar os horários das duas graduações e do trabalho no escritório?

Não é fácil conciliar tudo, mas hoje a dupla graduação está bem mais organizada para oferecer horários compatíveis com os estágios, faculdade e até mesmo com as férias. Estão tentando fazer com que as aulas migrem para as férias de julho e dezembro, para conseguir compatibilizar tudo.

Você já prestou o Exame da OAB?

Prestei. Você pode prestar o exame da ordem desde o começo do 5º ano.

Você passou?

Passei. É uma pendência a menos neste ano em que você está procurando se formar, ver o caminho profissional que vai seguir, e ainda tem a monografia, que é a tese para conclusão de curso.

Qual é sua maior preocupação neste último ano?

A preocupação é concluir todos os créditos e entregar a tese de láurea, que é esse trabalho de conclusão de curso. Tem de entregar até setembro.

E qual é a sua tese?

A minha tese é um processo civil sobre indisponibilidade dos direitos transindividuais e os efeitos no processo civil brasileiro, que são direitos difusos, coletivos. Por exemplo, direitos do meio ambiente, direitos do consumidor, que envolvem mais de um indivíduo e geram uma série de efeitos no processo.

Com a dupla graduação, você pensa em seguir a área de Direito Internacional?

Não necessariamente a dupla graduação está envolvida com o Direito Internacional. Nela você tem muitas áreas de Direito, tem Introdução ao Direito, depois Direito Civil Francês, Direito Administrativo Francês, Direito Tributário Internacional, Direito da União Europeia. Eu entrei na dupla graduação por me abrir oportunidades acadêmicas.

Como você se imagina no futuro próximo e a médio prazo?

A curto prazo, além de concluir a faculdade e a dupla graduação, pretendo ficar no escritório. É uma decisão que depende do escritório, mas desejo ficar, adquirir experiência jurídica no Mattos Filho por um tempo. A longo prazo, seguir carreira acadêmica. Sempre tive o sonho de fazer mestrado, doutorado, ser professor. Talvez a dupla graduação ajude a conseguir fazer alguma coisa no exterior, fazer mestrado fora, ou então me especializar em alguma área. O Direito oferece muitas especializações. É isso, eu tenho no Direito um viés profissional e um viés acadêmico.

Sua ideia, então, é estudar no exterior?

Eu gostaria de fazer, a longo prazo, um Master fora, na França. Ou me focar para fazer um bom doutorado na São Francisco e seguir uma parte acadêmica. Eu nunca deixei de lado essa parte acadêmica, sempre quis ter uma bagagem acadêmica, conseguir lecionar.

Existe alguma qualidade especial que a pessoa tem que ter para se dar bem em Direito?

O Direito contempla vários talentos. Requer atributos diferentes, são mercados muito distintos. O que é muito importante para todos no Direito é a comunicação – uma pessoa que tem um perfil comunicativo, que gosta de escrever, de ler, de se desenvolver na linguagem. O Direito tem esse requisito forte em todas as áreas.

Quais matérias que você estudou aqui mais ajudaram na faculdade e no trabalho?

Na faculdade você tem uma influência direta de Filosofia, Sociologia, são matérias que você utiliza e vêm na bagagem do colégio. Em lógica jurídica você acaba lembrando do que aprendeu aqui em linguagem matemática.

Você ainda tem amigos da época do Etapa?

Tenho. A gente ainda tem contato; o Etapa não sai da gente. Muitos foram estudar fora, nos Estados Unidos, um amigo foi para o ITA, outros foram fazer Medicina, também tenho amigos que estão na São Francisco comigo, uma amiga vai se formar comigo, outra fez um ano de cursinho e vai se formar no ano que vem.

Que recordações você tem de seu tempo no colégio?

Tenho muitas recordações, o Etapa acabou marcando muito. Gostava muito dos professores, ainda tenho amizade com eles, dos inspetores, da convivência nos intervalos. Gostava das atividades esportivas, eu sempre ia. Sempre gostei do Etapa, acabei vivendo a maior parte da minha vida aqui. No Etapa você tem uma rotina de estudos, as pessoas ajudam muito, você cria muitos amigos, amizades que você leva para a faculdade, leva para depois da faculdade. Eu guardo só lembranças boas e sempre falo do Etapa com felicidade. É uma fase que não é fácil, no pré-vestibular você tem que lidar com fatores emocionais, psicológicos, com a pressão de passar no vestibular, colocar numa prova tudo o que você fez durante muito tempo, mas as pessoas e o Etapa nos dão uma estrutura que vale a pena.

O que mais você quer dizer para os nossos alunos atuais?

É uma fase difícil, mas ela passa rápido, e depois você acaba sentindo falta do colégio. É um ambiente bom e você vai com isso para o resto da vida. Aproveite e faça o colégio da melhor maneira possível. Depois você só vai ter boas lembranças.

CONTO

O homem que sabia javanês

Lima Barreto

Em uma confeitaria, certa vez, ao meu amigo Castro, contava eu as partidas que havia pregado às convicções e às respeitabilidades, para poder viver.

Houve mesmo uma dada ocasião, quando estive em Manaus, em que fui obrigado a esconder a minha qualidade de bacharel, para mais confiança obter dos clientes, que afluíam ao meu escritório de feiteiro e adivinho. Contava eu isso.

O meu amigo ouvia-me calado, embevecido, gostando daquele meu Gil Blas vivido, até que, em uma pausa de conversa, ao esgotarmos os copos, observou a esmo:

– Tens levado uma vida bem engraçada, Castelo!

– Só assim se pode viver... Isto de uma ocupação única: sair de casa a certas horas, voltar a outras, aborrece, não achas? Não sei como me tenho aguentado lá no consulado!

– Cansa-se; mas, não é disso que me admiro. O que me admira é que tenhas corrido tantas aventuras aqui, neste Brasil imbecil e burocrático.

– Qual! Aqui mesmo, meu caro Castro, se podem arranjar belas páginas de vida. Imagina tu que eu já fui professor de javanês!

– Quando? Aqui, depois que voltaste do consulado?

– Não; antes. E, por sinal, fui nomeado cônsul por isso.

– Conta lá como foi. Bebes mais cerveja?

– Bebo.

Mandamos buscar mais outra garrafa, enchemos os copos, e continuei:

– Eu tinha chegado havia pouco ao Rio e estava literalmente na miséria! Vivia fugido de casa de pensão, sem saber onde e

como ganhar dinheiro, quando li no *Jornal do Comércio* o anúncio seguinte:

“Precisa-se de um professor de língua javanesa. Cartas, etc.”

Ora, disse cá comigo, está aí uma colocação que não terá muitos concorrentes; se eu capiscasse quatro palavras, ia apresentar-me. Saí do café e andei pelas ruas, sempre a imaginar-me professor de javanês, ganhando dinheiro, andando de bonde e sem encontros desagradáveis com os *cadáveres*. Insensivelmente dirigi-me à Biblioteca Nacional. Não sabia bem que livro iria pedir; mas, entrei, entreguei o chapéu ao porteiro, recebi a senha e subi. Na escada, acudiu-me pedir a “*Grande Enciclopédia*”, letra J, a fim de consultar o artigo relativo a Java e à língua javanesa. Dito e feito. Fiquei sabendo, ao fim de alguns minutos, que Java era uma grande ilha do arquipélago de Sonda, colônia holandesa, e o javanês, língua aglutinante do grupo maléu-polinésico, possuía uma literatura digna de nota e escrita em caracteres derivados do velho alfabeto hindu.

A *Enciclopédia* dava-me indicação de trabalhos sobre a tal língua malaia e não tive dúvidas em consultar um deles. Copiei o alfabeto, a sua pronunciação figurada e saí. Andei pelas ruas, perambulando e mastigando letras.

Na minha cabeça dançavam hieróglifos, de quando em quando consultava as minhas notas; entrava nos jardins e escrevia estes calungas na areia para guardá-los bem na memória e habituar a mão a escrevê-los.

À noite, quando pude entrar em casa sem ser visto, para evitar indiscretas perguntas do encarregado, ainda continuei